

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Côrte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem ser remettidas á rua d' Principe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 22 de Março de 1874.

D. Narciza Amalia

Esta litterata insigne, esta poetisa tão delicada como mimosa, brindou-nos com a carta que, em resposta a outra que lhe dirigimos, em seguida publicamos.

Neste primoroso escripto da inspirada amiga e collega, revelam-se os sentimentos que lhe borbulham n'alma, e que são proprios de quem sabe, por experiencia, o pouco apreço porque infelizmente, entre nós, salvas honrosas excepções, passa quem arredando-se do commun das pessoas do nosso sexo, emprehende tarefa tão ardua, como a em que nos achamos, para sustentar um Periodico litterario, mesmo de tão pequenâs dimensões, como é o nosso *Domingo*.

E de passagem, permittam as nossas leitoras que lhes digamos que, apesar dos immerecidos elogios que organos da imprensa brazileira nos tem tecido, o numero de nossos assignantes não é, até hoje, tal que baste para fazer face ás despesas da nossa publicação; e que é este um dos motivos por que não temos introduzido no nosso pequeno e humilde Semanario os melhoramentos de que carece, como somos a primeira a reconhecer.

A carta da nossa respeitavel amiga e companheira de lides litterarias é esta:

« Exma. Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco. — A recepção da carta com que V. quiz honrar a minha nihilidade litteraria e a offerta que dignou-se fazer-me de 10 numeros do seu semanario *O Domingo*, deixaram-me profundamente penhorada. Já conhecia V., a fama que raras vezes mente quando emboca a tuba do elogio trouxe ao meu obscuro retiro o seu nome cercado de louvores.

« Hoje felicito-me por possuir lettras da minha distincta patricia, lettras a que não respondi immediatamente, como me ordenava o dever, por terem occorrido diversas circumstancias imprevistas.

« Tenho hesitado em acceitar a espinhosa missão de que encarregou-me V. a de arranjar entre as minhas amigas assignaturas para *O Domingo*.

« Se V. nota frieza e pouco amor á leitura no Rio de Janeiro, onde numerosos centros litterarios buscam espalhar luzes por todas as classes da sociedade, onde as

bibliothecas offerecem aos curiosos seus raios carregados de obras primorosas, e as *Conferencias* populares sacodem hoje a apathia dos espiritos mais refractarios ao bello, o que deve esperar de uma pequenina cidade do interior, onde não se encontra uma só associação litteraria, nem uma bibliotheca, e apenas uma folha semanal, luctando com obstaculos quasi insuperaveis, vegeta sem animação como uma planta exotica sob a influencia deleteria de um clima contrario á sua natureza?

« Entretanto deejando de alguma forma ser-lha util procurarei obter algumas assignaturas para a sua folha, podendo V. considerar-me desde já perpetua assignante.

« O meu concurso litterario, fraco como é, o *Domingo* tel-o-ha, por vezes; isto é, quando os labores do lar deixarem-me um ou outro momento de repouso.

« Desejando-lhe saude e prosperidades, assigno-me de V. sincera admiradora e amiga — *Narciza Amalia*. — Rezende, Março de 1874.»

A educação moral

(Conclusão)

Mas, por isso mesmo que na escola se manifestam as paixões, ali se deve combater a educação moral.

Tudo está na mão do preceptor. A elle compete apontar aos seus alumnos as causas dos brillantes successos de uns, e da inferioridade de outros, analysal-as em sua presença, e demonstrar-lhes que todos são dotados da faculdade da attenção, e da capacidade para o trabalho.

Mas acontece, não raras veses, louvarem exclusivamente uns, e reprehenderem fora de medida outros; o que faz nascer o orgulho e a perguença.

O preceptor, que conhece o alumno, se resguardará deste excesso; procurará ser justo e verdadeiro.

Preceptores e paes, quando reprehenderdes um menino, fazei-o em termos simples e concisos; sede claros e breves, nada de exaggeração, nada de emphase, nada de ameaças absurdas, que não serieis capazes de realisar, nada de repetições e de posados sermões.

A maior, a mais segura reprehensão para o alumno deve ser a franca exposição da vossa opinião recta, contraria ao que elle tiver praticado.

Se elle vier a temer a vossa opinião, temerá a vossa censura; e a vossa autoridade será omnipotente, se a exercitardes com toda a dignidade.

Nós temos visto sempre nos bancos das escolas, que o mestre que fallia com mais gravidade e brandura, é sempre o mais escutado, o mais respeitado e o mais amado.

Temos visto, pelo contrario, paes e mestres, armados sempre de feula, e de palavras ameaçadoras, aspraiando-se em injurias, em exaggerações, muitas vezes risíveis umas, detestaveis outras.

É forcoso confessar uma verdade; os mestres com raras excepções, quanto mais ignorantes, mais severos: o homem illustrado reprime o ardor do seu genio.

Paes, vigie que os mestres, que destinardes a vossos filhos, não sejam brutos e estupidos. Que ensinará um estúpido? Como habilitará seus alumnos na carreira dos bons costumes, aquelle que os tiver máos, e for brutal por condição?

Não façaes vossos filhos martyres simplesmente do a b c.

Lembrem-se tolos que muitas vezes da educação primeira depende a futura felicidade da vida.

Moral familiar

Fallar da vida alheia não é o mesmo que dar escandalo. Pode-se fallar da vida alheia sem ser por malicia; mas dar escandalo é contar uma historia que pôde prejudicar, embora o que se diga seja a verdade. Geralmente quem conta um conto acrescenta um ponto, raras vezes, quando no seio de uma familia acontece um facto desagradavel, as pessoas estranhas não têm conhecimento exacto do que occorreu.

Se o que houve foi máo, não se leva em conta a provocação; se foi uma simples indiscreção, desprezam-se as circumstancias atenuantes. Não é raro contar-se um facto escandaloso sem má intenção. Mas muita gente gosta de conta-lo só para ter occasião de fallar mal dos vizinhos.

Ha, por exemplo, pessoas que de si para si têm invés da felicidade alheia e que, portanto, estão sempre dadas a apunhalar o seu rival pelas costas, lembrando-se muitas vezes de que o rival ou vizinho o despreza, particularmente se este é rico.

Nunca podem esquecer-se de que o vizinho mora em uma casa melhor, que tem uma mesa farta, e portanto não perdem occasião de cortar-lhe na pelle, ou quando não o podem fazer, de mette-lo à bulha.

Semelhaute gente é moralmente a escoria da sociedade, e por sua má disposição d' espirito merece o desprezo de todos. Torna-se o echo dos escandalos, e á semelhança dos ladrões que nos espreitam, sem que os presintamos, enlameia-nos sem que tambem possamos arcar contra ella.

Fallar mal da vida alheia é facto censuravel, embora se diga o que se sabe com certeza. Ha muita gente que fallar da vida alheia só por fallar, e que, como o papagaio, repete o que ouve, sem attender que d' ali podem resultar consequencias muito graves. Muitos amigos se separam; no seio de muitas familias ha graves dissensões por causa de historias mal interpretadas que muitas vezes inventam os palradores.

«A lingua é um membro desenfreado» dizem as Escripturas sagradas.

Portanto ninguém deve intrametter-se nos negocios dos outros, e não quando for chamado para participar delles, e mesmo neste caso deve ser prudente.

Finalmente, tanto em nosso procedimento como em nossas acções e palavras devemos ter presente o seguinte conselho; « Não façaes aos outros o que não desejas que te façam. »

Duas perdas sensiveis

Dois vultos immensos, dois dignos representantes da litteratura moderna, acabam de ser ceifados pela morte.

O autor dos *Jesuitas*, do *Padre*, da *Mulher*, da *Família*, do *Povo*, Michelet foi um delles, e o outro Arnaud Barthet, que falleceu no hospicio de doudos.

Arsène Houssaye pintou perfeitamente o caracter desse homem de imaginação que, perseguindo seu ideal, foi parar na sepultura.

Le moineau de Lesbir, comedia em versos, é a mais mimosa producção desse genio que, apesar do seu incontestavel talento, falleceu na penuria!

Michelet e Barthet foram escritores apreciados por seus amigos e contemporaneos.

E nós que de tão longe soubemos sempre dar o merito devido ás suas producções, vertemos nesta hora solemne uma lagrima de saudade sobre seus modestos tumulos.

LITTERATURA

O vaso de flores

(Continuação do n. 17)

Cumprimentou respeitosamente e aproximando-se de uma moça sentada á esquerda do Sr. Blanquet, perguntou-lhe com voz triste e dolorosa que comoveu a todos se ella o reconhecia.

A moça não respondeu, dando mostras de quem consultava a memoria, e o estrangeiro corou. Depois voltou-se para outra senhora mais velha, sentada defronte da primeira e disse-lhe:

—Senhora, eu chamo-me Adolpho G***, sahi da prisão esta manhã e venho perguntar...

O Sr. Blanquet levantou-se ao ouvir pronunciar esse nome e apertou com effusão a unica mão que restava a Adolpho.

—Meu bom amigo, disse elle, meu bravo joven! seja bem vindo. Li hontem no jornal dos *Debates*, que a Côrte dos pares não teve de que accusar-o e minha mulher que digu como fiquei satisfeito. Nunca me esqueci deste bom Adolpho! E tomarem-no por um conspirador, por um anarchista... que indignidade! Sente-se ao pé da Sra. Blanquet. João, João, traze um talher! Quer almoçar não é assim? Faz muito bem; tem razão.

A este fluxo do beneficente municipal, ninguém juntava nada.

Adolpho era para todos uma appareição funebre. As duas senhoras, sentadas em frente uma da outra vião tudo com terror. Elle percebeu-o:

—Obrigado, senhor, disse elle friamente ao negociante, obrigado; a minha presença na sua mesa seria uma cousa bem triste para todos, e bem incommoda para alguém... Não é verdade mademoiselle? disse elle á filha do adjunto, a qual abaixou os olhos e empalideceu.

O Sr. Blanquet abaixando a voz tambem disse ao ouvido do moço.

—Chame-a senhora, porque está casada a um mez a esta parte. Eis aqui o lugar de seu marido, ao lado de minha mulher.

—Peço perdão, respondeu o infeliz; não sabia... e não acabou porque cahio desmaiado no chão.

Quando tornou a si, achou-se só com a Sra. Blanquet. A boa senhora quiz consolal-o, explicou-se, mas Adolpho fel-a calar-se.

—Não diga nada, senhora, exclamou elle... A testa de rugas, um braço de menos, fariam um bom genro, não é verdade?... Sou um ultrage n'esta casa, preciso saber incontinentemente d'ella. O marido de sua filha poderia vir insultar-me, e eu, já não tenho braço para responder a esse insulto. Senhora, sou o antigo locatario da rua Beaubourg, terceiro andar. Quando os soldados vieram massacrar-me alli, sobre o cadaver de minha pobre mãe, en possnia quadros, retratos... Onde está tudo isso? Os retratos deve... entregal-os e os quadros vendel-os porque amanhã terei fome: esta noite heide dormir em alguma, parte se não a policia prenderme-ha como vagabundo... Mande entregar-me os meus quadros; quero ir-me embora.

Levaram-no então a um celeiro onde a chuva cahia, soprando o vento por todos os buracos das telhas quebradas. As suas telas estavam amontoadas n'um canto, entregues aos ratos, assim como o resto dos seus trastes devastados pelos soldados de Abril.

—Não estão aqui todos os retratos, disse elle, depois de procurar por muito tempo... falta um... Sabe a senhora o que foi feito d'elle?

Guardei-o para mim, respondeu a Sra. Blanquet. O senhor quer absolutamente que lh'o entregue?

(Continúa)

PARTE RECREATIVA

As tres donzellas

(FOLHA SOLTA)

Eram tres donzellas lindas e formosas, como tres anjos que Deus mandasse perigrinar pela terra.

Pallidas rosas, sustidas na mesma haste, se algum dia a tormenta as fustigasse com o seu latigo de fogo, dobrariam ao mesmo tempo os collos gentis.

Eram debeis, ethereas, vaporosas, como as visões de Fingal.

Eram tres lampadas do mais fino alabastro, de formas mimosas e delicadas, allumiadas pela mesma luz interna.

Quem as visse, enlaçadas, encostando as cabecinhas airosas, e confundindo lagrimas e risos, temores e esperanças, julgara ter evocado as tres Graças da velha Grecia envoltas no nevoeiro da poesia septentrional.

As longas madeixas, loiras e soltas que as cobriam, pareciam raizes que as prendiam á terra.

Contavam quinze annos apenas, quinze annos que é o primeiro florir da primavera.

Uma tarde em que as nuvens corriam pelo firmamento como corseis invisíveis, e em que o vento zunia pelos fraguados soltando os terribes lamentos da na-

tureza angustiada, estavam as tres virgens em uma gruta aonde a furia do mar debalde vinha embater

Isabel, limpando a furto uma lagrima, disse:

—Leonor, tu amas? Tu amas tambem, Eugenia?

—E tu Isabel, tu tambem amas, ciciaram as duas virgens.

E cada uma dellas, corando de peijo e pudor, escondeu o rosto no seio da outra, aonde podia esconder o pulsar ansioso do coração.

—Todas tres amamos, disse por fim Eugenia.

—Quem amas tu? exclamou Isabel.

—E tu, Eugenia? e tu Isabel? interrompen Leonor.

—Arthur, responderam ao mesmo tempo Isabel e

Eugenia,

—Arthur, murmurou tambem Leonor. como o echo plangente de um cemiterio. Mas eu não amo Arthur!..

Isabel não respondeu, mas ouviu-se-lhe um soluço que parecia o estalar da ultima fibra do coração.

Passaram instantes de dor e soffrimento.

Pendidas as cabecinhas gentis, cada uma das virgens deixava deslisar as lagrimas, debalde enxugadas pelas tranças.

De repente ouviu-se um rugido, e medonho estampido reboou na amplidão.

Arthur que, como por encantamento, alli apparecera, mostrou-se-lhes furioso, allucinado; e com um punhal em punho, volteando em torno das tres donzellas, soltou um grito hediondo, e cravou no seio o punhal.

Umas vozes argentinas por entre o fragor da selva, exclamaram: Arthur! Arthur! Arthur!

E uma claridade se fez, e o Echo repetiu ao longe em tom suave:

Como o ceo o mar é limpido /
Brinca o vento nos rosaes!
Vem dormir amante lubrico
Neste leito de cristaes,

Sob o remo a vaga inflama-se,
Perde a estrella d'alva a luz,
Deixemos voar Arthur
Que a providencia o conduz,

E mais longe, mais longe ainda, ouviu-se os preludios de uma ballada, que diziam assim:

Destes bosques afastemo-nos,
Para depressa voltar,
Ai, nem sempre um ceo diaphano
Promette bonança ao mar.

Nasce o sol, e o sino acorda-nos
Dentro d'alma a oração:
São Marcos e a Mãe Santissima
Nos dêem feliz monção.

E as virgens desapareceram para nunca mais voltarem.

Inventos da antiguidade

De tudo que se tem inventado no mundo desde a sua criação até aos nossos dias, pertence incontestavelmente á agulha o direito de antiguidade.

Não sabemos dizer a qual dos dous Adão ou Eva cabe o merito da invenção, sabemos porém que está escripto no velho Testamento «que elles cosêrão umas folhas de figueira afim de cobrirem as carnes.»

Cozer sem agulha é impossível; por conseguinte, tiveram de inventar a agulha os nossos primeiros progenitores.

É também ponto duvidoso, de que material se servirão para fabrical-a; pôde ter sido de espinho de alguma arvore, de uma espinha de peixe, ou talvez de uma felpa de pão.

O que é verdade é que o officio de alfaiate é de todos o mais antigo.

Quando vemos uma mulher da actualidade com esses vestidos elegantes, cheios de rendas, de fitas e enfeites, e reflectimos que é isso resultado do trabalho, da perseverança e do genio das modistas de 6000 annos a esta parte, sentimo-nos dominados por uma admiração respeitosa; e esses vestidos tão horribes e tão admiravelmente feitos, convertem-se para nós em monumentos da intelligencia humana «no ramo das modistas.»

Attribue-se a Noé a invenção do vinho. Aconteceu isto uns 2347 annos, antes da vinda de Christo.

A cerveja foi conhecida 404 annos antes de Jesus Christo e Zenebhonte faz d'ella menção.

O gamão que é o mais antigo dos jogos conhecidos, foi inventado por Palamedes da Orecia, 1224 annos antes da era christã.

O xadrez é menos idoso, pois foi inventado 680 annos antes de Christo.

O primeiro circo foi constituido por Tarquinio 606 annos antes de Christo.

As representações theatraes começaram 562 annos antes de Christo.

A primeira tragedia que se representou foi escripta por Trespia, 536 annos antes de Christo. Resulta, pois, que não andavão os antigos tão baldos de divertimentos como muita gente acredita. Entretanto não é de supôr que o grande philosopho Socrates se entretivesse a jogar o xadrez; que Sophocles divertisse os seus amiguinhos levando-os a ver gladiadores e os comediantes, e que o immortal Homero jogasse de vez em quando a sua partida de gamão.

Possuião os antigos como instrumentos musicos o salterio, a harpa, o alaude e o timbale que sem duvida é de todos o mais antigo, visto como falla a historia n' elle 1850 annos antes de Christo.

A flauta foi inventada por Hyaginus, 1859 annos antes de Christo. O orgão foi inventado por Archimedes, 220 annos de Christo, e Nero foi um habilissimo tocador de gaita melodiosa. Quando a moveis e utensilios domesticos, são poucos os dados que poderemos ministrar. Os espelhos erão conhecidos e usados pelos egypcios. A louca vidrada era familiar aos gregos e egypcios 1490 annos antes de Christo.

Os relógios, que medem o tempo por meio de uma queda d'agua, foram inventados 158 annos antes de Christo. Os relógios solares são mais antigos, pois que já se usão 390 annos antes.

O toruo foi inventado por Talus, 1240 annos antes de Christo.

A bussola era conhecida pelos chins 1115 annos antes de Christo.

O pão de trigo era-lhes também conhecido 3860 annos antes da nossa era.

São os chins, sem duvida alguma, gente admiravel e muito curiosa. Usão elles de muitissima cousas que, se formos a indagar a época em que foram inventadas, cremos, sem receio de nos enganarmos, que chegaremos até aos tempos dos primitivos.

O que, porém, é mais digno de admirar-se n'aquelle povo é que, 1100 annos antes de Christo, escreveo o cidadão Paoutsge um dictionario que continha 40,000 caracteres que representam palavras.

A escultura e a pintura eram no anno 2100 antes da Christo; a geometria 2905, a argicultura 1968.

O papa Adriano

Este papa edificou um collegio em Lavaina, no qual mandou pôr esta inscripção «Utrecht me alevantou, Lavaina me deu esplendor.»

Um curioso accrescentou por baixo: «Só Deus não fez aqui nada.»

Charadas

Sou de pau . . . 1
De pau sou . . . 2
De bronze a arte
Mé fabricou.

'Stou no meio do começo
E no começo do meio . . . 1
Ajunta o fim c'o começo
De desatar tens o meio . . . 1

CONCEITO

Em meu todo, no começo,
Uma só se põe no meio;
Depois vem muito do meio,
E só vem, depois do meio,
De sobre mim o começo.

Sente-se . . . 1
Sente-se . . . 1
Sente-se.

A decifração das charadas do numero antecedente é: a 1ª, Agápito, e a 2ª, Gil Braz.

Errata

Na poesia publicada no numero 16, sob o titulo Clotilde, na 2ª linha do 6º verso em vez de—Brinca na praia etc, etc, leia-se—Brinca n'areia, etc.

Typ. da —Lyra de Apollo— rua da Alfandega n. 185